



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**A BELA RAINHA DE AMARNA: AS REPRESENTAÇÕES DE
NEFERTITI NA OBRA “AKHENATON E NEFERTITI” DE CHRISTIAN JACQ**

BRUNA RAFAELA DE LIMA

CAMPINA GRANDE

JULHO DE 2019

**A BELA RAINHA DE AMARNA: AS REPRESENTAÇÕES DE
NEFERTITI NA OBRA “AKHENATON E NEFERTITI” DE CHRISTIAN JACQ**

BRUNA RAFAELA DE LIMA

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura em História, do Centro de
Humanidades da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
para a obtenção do título de Licenciado em
História

Orientadora: Profa. Dra. Marinalva Vilar de Lima

CAMPINA GRANDE

2019

L732b

Lima, Bruna Rafaela de.

A bela rainha de Amarna: as representações de Nefertiti na obra "Akhenaton e Nefertiti" de Christian Jacq / Bruna Rafaela de Lima. – Campina Grande, 2019.

37 f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação: Profa. Dra. Marinalva Vilar de Lima".

Referências.

1. Egito Antigo.
2. Reforma Religiosa de Amarniana.
3. Nefertiti.
4. Christian Jacq. I. Lima, Marinalva Vilar de. II. Título.

CDU 94(32)(043)



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

BRUNA RAFAELA DE LIMA

**A BELA RAINHA DE AMARNA: AS REPRESENTAÇÕES DE NEFERTITI NA
OBRA “AKHENATON E NEFERTITI” DE CHRISTIAN JACQ**

Monografia Avaliada em 12/07/2019 com o conceito 9,0

BANCA EXAMINADORA

Marinalva Vilar de Lima
Orientadora

Michelly Pereira de Sousa Cordão
Examinadora

Talita Rosa Mística Soares de Oliveira
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que mais uma vez me permitiu realizar mais uma etapa importante na jornada em busca do conhecimento. Por ser a fonte máxima de inspiração; ensinando que a *sua glória é inteligência* e que, como um Pai amoroso que quer sempre o melhor para seus filhos, deu força e alento para chegar até aqui e inspirar para que possa alcançar voos ainda mais altos.

À dona Fátima e seu Manoel, que não tiveram as mesmas oportunidades, mas nunca mediram esforços para que a educação fosse prioridade, fazendo todo e qualquer sacrifício de tempo e dinheiro, para que um futuro muito melhor do que eles já sonharam para si mesmos fosse alcançado por sua única filha.

À Suênio Carneiro, que agora conhece esta pesquisa quase tão bem quanto eu. Por ter sido um apoio, um leitor entusiasmado e um crítico sincero. Agradeço por acreditar em mim e me motivar a ser cada vez melhor.

À Mariana Melo, com quem compartilhei tantas coisas desde a infância e hoje compartilhamos os momentos de alegria e, por vezes, de angústia da pesquisa acadêmica. Agradeço pelas trocas de ideias entre uma conversa e outra e pelo entusiasmo de quem sempre acreditou em mim.

À Guáira Dutra, que é sempre um exemplo. Pelos puxões de orelha, pelos conselhos e pela confiança. Por todas as vezes que não me deixou desistir e por ser a voz da consciência dentro da minha cabeça, sempre que eu preciso.

À Raissa Ramos, por seu apoio incondicional, sua disposição de sempre ouvir quando me sentia frustrada e por sempre me motivar a ver o lado bom de todas as coisas.

À Tatianne Silva, sempre discutindo ideias, teorias, hipóteses e temas. Por ter exercido uma importante influência no interesse pela história das mulheres desde o início da graduação. Por uma amizade que ultrapassou a vida acadêmica e que me acompanha pela vida.

À Thalita Moura, com quem tive a alegria de dividir momentos do bacharelado, projetos de extensão, as aulas dadas no PVS-UFCG e agora os momentos finais da licenciatura. Por sempre ter uma visão otimista e levar a vida com tanta leveza.

À minha orientadora, Marinalva Vilar, mais uma vez aceitando a incumbência de aconselhar e indicar leituras para alguém um tanto teimosa e nem sempre disciplinada, mas que a admira e respeita. Obrigada por seu apoio e confiança.

Agradeço a todos que de alguma forma estiveram comigo ao longo do curso, de 2010 a 2015 quando concluí o bacharelado e de 2018 até 2019, de volta para a licenciatura. Tudo que eu escrevo e muito do que eu sou tem um pouco de cada uma das pessoas que encontrei nesse percurso.

RESUMO

A expedição napoleônica no século XVIII e a subsequente produção de volumes a respeito da civilização do Egito Antigo, despertou-se a curiosidade de estudiosos e pessoas comuns ao longo dos anos seguintes. Dentre os textos científicos e ficcionais abrangendo os mais variados aspectos desta sociedade, destacamos a produção a respeito das personalidades que protagonizaram importantes episódios ao longo da história faraônica. O presente trabalho tem como objetivo analisar o livro *Akhenaton e Nefertiti*, do egiptólogo francês Christian Jacq, publicado em 1976. Discutiremos nesta obra qual o lugar dado pelo autor à rainha Nefertiti, que viveu na XVIII dinastia, no período do Reino Novo (1553-1535 a.e.c), no tocante à sua influência na chamada reforma religiosa amarniana ocorrida durante o reinado de seu marido. Consideraremos o contexto da reforma religiosa e o papel da mulher, especificamente da rainha no Egito neste período.

Palavras-chave: Egito Antigo; Reforma religiosa de Amarniana; Nefertiti; Christian Jacq.

ABSTRACT

The napoleonic expedition during the 18th century and the subsequent production about Ancient Egypt civilization aroused the curiosity of scholars and ordinary people over the following years. Among the scientific essays and fictional stories about the many aspects of this society, we highlight the production about personalities who starred important episodes throughout pharaonic history. The present paper aims to analyze the book *Akhenaton & Nefertiti*, by french egyptologist Christian Jacq, published in 1976. We will discuss the place given by the author to queen Nefertiti, who lived in 18th dynasty at the New Kingdom (1553-1535 b.c.a) as regards her influence on the Amarna's religious reformation that took place during her husband reign. We will consider the context of the religious reformation and the role of women, specifically the egyptian queen, during this period.

Key-words: Ancient Egypt; Amarna's religious reformation; Nefertiti; Christian Jacq.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Busto da rainha Nefertiti de Amarna e detalhe; calcário e gesso pintado	14
Figura 2 Relevô de Amenophis IV/Akhenaton com a família real sob os raios de Aton; arenária pintada	20
Figura 3 Relevô de Amenophis IV/Akhenaton e Nefertiti que fazem oferendas à Aton; calcário pintado	22
Figura 4 Akhenaton e Nefertit, Musée du Louvre, Paris	28
Figura 5 Estela de Akhenaton e sua família, Egyptian Museum, Cairo.....	29

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: NEFERTITI E O CULTO SOLAR: DAS ORIGENS DA RAINHA À REFORMA RELIGIOSA DE AMARNA	13
NEFERTITI: ENTRE MULHERES E DEUSAS.....	13
A REFORMA RELIGIOSA DE AMARNA	17
CAPÍTULO 2: NEFERTITI SOB O OLHAR DE CHRISTIAN JACQ.....	24
CHRISTIAN JACQ E OS ESTUDOS SOBRE O EGITO	24
OS LUGARES DE NEFERTITI NA OBRA DE CHRISTIAN JACQ	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema central a história de uma das mais famosas rainhas do Egito Antigo. Trata-se de Nefertiti, esposa do faraó Akhenaton, da XVIII dinastia. Sua vida encontra-se cheia de lacunas, as quais apresentaremos alguns caminhos propostos por estudiosos que visam responder as questões que permearam a existência desta famosa personagem. Nefertiti e seu marido representaram uma ruptura na ordem egípcia ao promover uma revolução religiosa nos anos iniciais de seu reinado. Para os egípcios a religião perpassava os aspectos sociais, culturais e econômicos, uma vez que esta era a base para o equilíbrio a ser mantido em todos os âmbitos, as reformas propostas e realizadas pelo casal mudaram muito mais do que o culto central de Amon para Aton e a capital de Tebas para Akhetaton, mudaram também as relações entre o povo e a família real e entre estes e o divino.

Antes de partir para a análise mais específica sobre a vida e a obra de Nefertiti é preciso compreender como ela poderia ter atingido um patamar de tão grande destaque em um período tão remoto. Talvez nos seja estranho que uma mulher, mesmo uma rainha, tenha tamanha influência pois estamos acostumados com o modelo ocidental, onde já há muito tempo as mulheres teriam um papel secundário, com menor destaque nas páginas que compõem a história da humanidade.

Chegamos assim a utilização dos conceitos de *poder* e *poderes*. Utilizamos como base a explicação de PERROT

As relações das mulheres com o poder inscrevem-se primeiramente no jogo de palavras. “Poder”, como muitos outros, é um termo polissêmico. No singular, ele tem uma conotação política e designa basicamente a figura central, cardeal do Estado, que comumente de supõe masculina. No plural, ele se estilhaça em fragmentos múltiplos, equivalente a “influências” difusas e periféricas, onde as mulheres tem sua grande parcela.¹

“(…) é a ideia muito difundida de que as mulheres puxam os fios dos bastidores, enquanto os pobres homens, como marionetes, mexem-se na cena pública”. Diria Perrot (1992) a respeito da concepção de que as mulheres, apesar de não ocupar a

¹ PERROT, 1992 p 167.

cena principal, utilizam-se de estratégias para manipular quem dela participa, ou seja, os homens.

Mas na sociedade em que viveu Nefertiti as mulheres eram vistas de outra forma. Elas também faziam parte da cena principal. Em comparação com as mulheres ocidentais do mesmo período, e até mesmo de períodos posteriores, as egípcias dispunham de mais prestígio e participação na tomada de decisões tanto no âmbito doméstico quanto público.

Com estas diferenças em mente, de que forma então Nefertiti exercia o poder ou os poderes em sua época, no contexto do seu reinado e na reforma religiosa de Amarna? Utilizando o livro “Akhenaton e Nefertiti, o casal solar”, escrito na década de 1970 pelo egiptólogo francês Christian Jacq, buscaremos perceber onde se expressa o poder e os poderes de Nefertiti.

Nossa fonte é, portanto, um ensaio produzido por um autor que torna-se mundialmente conhecido pelos romances históricos que escreveu. No entanto, a obra analisada a seguir não é ficcional mas um dos produtos de uma rica pesquisa documental, que aliou o método científico à leveza da escrita literária.

CAPÍTULO 1: NEFERTITI E O CULTO SOLAR: DAS ORIGENS DA RAINHA À REFORMA RELIGIOSA DE AMARNA

NEFERTITI: ENTRE MULHERES E DEUSAS

Uma escavação feita nas imediações de Tell el-Amarna, no início do século XX, revelou um objeto curioso. Um busto de mulher, “cabeça de rainha, encimada por um alto barrete, perfeitamente conservada (...)”², peça que se encontra atualmente no museu de Berlim, tornou-se na época uma das mais importantes evidências da existência da célebre Nefertiti, esposa de Akhenaton, que reinou no Egito na XVIII dinastia, entre 1553 a 1535 antes da era comum.

Para além da bela figura de rainha, quem foi então Nefertiti e que papel desempenhou na sociedade egípcia de seu período? Ela se torna notável em nossa época pelo impressionante artefato já citado, que retrata a rainha com feições delicadas e precisas. As proporções desta se diferenciam das tradicionais estatuetas egípcias até então, cujo estilo próprio representavam muito mais evidentemente traços simbólicos das funções atribuídas aos personagens retratados do que necessariamente suas proporções reais. A arte no período do reinado de Nefertiti-Akhenaton também possui características muito específicas, onde essa peça particular também não acompanha o mesmo estilo. Diferente da arte difundida no Egito até então, onde se preservava a perfeição das proporções dos corpos, as do chamado período amarniano não seguem o mesmo padrão, mostrando protuberâncias no tronco e no crânio, entre outros aspectos que poderiam até sugerir uma espécie de epidemia que acometeu toda a corte, mas que não pode ser comprovada.³ Sobre esta nova forma de arte, Antônio Brancaglioni Jr afirma que

A expressividade levada ao exagero transformou os traços particulares do faraó e de seus familiares em figuras quase grotescas, utilizando o desequilíbrio de volumes e a desproporção de partes do corpo como forma de destacar a singularidade da família real em oposição ao resto da humanidade. (BRANCAGLIONI Jr, A. 2001, p. 63)

Desse modo, devido as diferenças entre o busto que se encontra no museu de Berlim e as demais formas estatuárias do mesmo período, pesquisadores estimam que este artefato seria na verdade um esboço criado para embasar a produção de outras figuras representativas.

² JACQ, C. 1976 P. 66

³ JACQ, C. 1976. P. 20

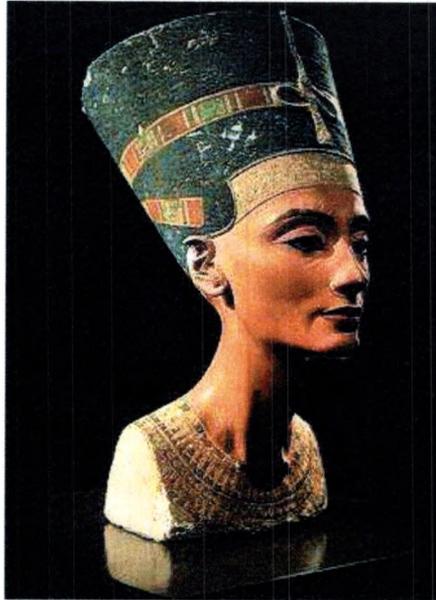


Figura 1 Busto da rainha Nefertiti de Amarna e detalhe; calcário e gesso pintado

Nefertiti viveu no período do Reino Novo que “representa o auge da riqueza e do refinamento da civilização faraônica; integram-nos as dinastias XVIII e XX (1550-1070)”⁴, mais precisamente, pertenceu a XVIII dinastia. Não dispomos de muitas informações conclusivas a respeito da sua origem. Como não recebeu os títulos de “Filha do Rei” ou “Irmã do Rei”, sabe-se que não era filha de faraó Amenhotep III (ou Amenófis), logo não possuía laços de sangue com seu esposo, costume comum entre a realeza egípcia, que acreditava que era através das mulheres que se legitimava a linhagem real⁵.

Por isso encontramos algumas teorias a respeito da genealogia de Nefertiti. Os nomes no Egito possuíam grande importância, que se relacionava aos significados a estes atribuídos. Uma das hipóteses da origem de Nefertiti teria como embasamento o significado de seu nome, que seria “a bela chegou”. Dessa forma, poderíamos concluir que sua origem não era legitimamente egípcia e sim estrangeira. Provavelmente uma princesa vinda para casar com o faraó e estreitar relações diplomáticas entre os dois povos, como ocorreu com o rei anterior, Amenhotep, que teve como esposas secundárias princesas do Mitani.⁶ No entanto, há também a teoria de que o significado do nome seja apenas coincidência e que Nefertiti tenha realmente raízes egípcias, sendo assim filha de

⁴ CARDOSO, C. F. 1996. P 60

⁵ NOBLECOURT. C. D. 1994, p. 51.

⁶ DAVID, R. 2011, p. 281.

algum dignatário da corte do faraó, cuja importância durante o reinado de Amenothep III teria proporcionado o casamento com o herdeiro do trono.⁷

Como já mencionamos, para os egípcios antigos, a linhagem real era transmitida pela mulher. Por isso era comum o casamento co-sanguíneo para garantir a sucessão no trono. No entanto, percebemos ao longo da história que houve exceções. Não podemos precisar a origem sanguínea de Nefertiti, mas se sabe que ela não era herdeira direta da linhagem do faraó, o que a coloca como um dos casos onde o futuro faraó desposa como sua esposa principal outra que não a sucessora da linhagem do faraó atual.⁸ Desse modo também podemos entender que Nefertiti não foi a única esposa de Amenófis IV/Akhenaton. Estima-se que Kiya teria sido uma das esposas secundárias do rei e que desempenhou papéis importantes na corte, desfrutando de posição de prestígio, mas pouco se sabe sobre ela, uma vez que as evidências monumentais referentes a ela foram posteriormente adaptados para retratar outros ou mesmo danificados propositadamente.⁹

Suposições também cercam a vida e a morte da rainha Nefertiti, uma vez que sua múmia ainda não foi encontrada, não se pode precisar o momento e a causa de sua morte. Trabalharemos então com as evidências encontradas para compreender a importância que Nefertiti desempenhou no Egito durante o controverso reinado de seu marido, e qual teria sido seu posicionamento diante das mudanças sem precedentes ocorridas no império.

Para compreender o papel desenvolvido por ela na sociedade egípcia é preciso primeiro entender o que era ser mulher no Egito Antigo. Ao estudar as grandes civilizações da antiguidade, percebe-se que as mulheres ocupavam lugares distintos e, muitas vezes, secundários, em relação aos homens. O que faz entender que, na maioria dos casos, as mulheres tinham pouca visibilidade na esfera pública, ou seja, os vestígios deixados fazem o pesquisador contemporâneo compreender que elas pouco aparecem na história oficial. A maior parte dos papéis a elas atribuídos tem relação com os trabalhos domésticos e os cuidados do lar e da família, em uma posição muitas vezes subalterna da figura¹⁰ masculina. Sendo estes povos de tradição patriarcal, a figura masculina – paterna ou não – acabou por exercer uma influência muito grande na forma como as mulheres foram tratadas ao longo do tempo. As participações mais importantes eram sempre de

⁷ JACQ, C. 1976. P. 68

⁸ NOBLECOURT. C. D. 1994, p. 53

⁹ DAVID, R. 2011. P. 311.

¹⁰ PERROT, M. p. 168.

responsabilidade masculina, a quem eram atribuídas maior força física, inteligência e racionalidade na tomada de decisões.¹¹

Ao estudar a história da civilização Egípcia nos deparamos com algumas particularidades em relação aos grupos antigos de períodos aproximados. Notamos que a situação das mulheres é de uma aparente proximidade em relação aos homens. Elas não estão submissas como se percebe em outras culturas, podemos afirmar que o Egito

“(...) de acordo com todas as aparências, assim se apresentava a mulher egípcia, feliz cidadã de um país em que a igualdade dos sexos parece ter sido considerada desde a origem, como um fato natural e tão profundamente enraizado que o problema foi sequer levantado.”
(NOBBLECOURT, C. D. 1994, p. 207)

Para a autora, tal igualdade se dava graças ao aparato religioso, onde as divindades egípcias possuíam importância tal que eram capazes de influenciar todas as esferas da vida cotidiana. Tanto os deuses quanto as deusas eram adorados independente da identificação do gênero, mas pelo poder a eles atribuídos e seu papel no equilíbrio cósmico. “Não se poderia esperar menos de um povo que fizera da deusa Ísis “Senhora do Gênero Humano (...)”¹² Ísis era apenas uma das divindades femininas cultuadas no Egito, mas ocupava um papel de destaque em um dos mitos mais popularmente difundidos.¹³ Torna-se exemplo de rainha, esposa e mãe por todo o território e, principalmente no que diz respeito a sua influência no reinado de seu irmão-esposo Osíris e de seu filho Hórus. O egípcios tinham em Ísis um modelo a ser seguido, sobretudo pelas mulheres da realeza na lealdade e nas responsabilidades da rainha como conselheira do faraó.

Para além de Ísis, as deusas do panteão egípcio desempenhavam distintos papéis nos mitos de criação do universo e da civilização mas sempre visando o equilíbrio fundamental do cosmos, entre o masculino e o feminino. Christiane Desroches Noblecourt afirma que

nas esferas divinas, o elemento feminino, bem longe de ser passivo, vai então ser o associado, o parceiro, o protetor frequente, muitas vezes o provocador de distúrbios, amável ou, se necessário, agressivo ou truculento, sendo sempre a boa mãe e também despertando a alegria dos deuses. (NOBBLECOURT, 1994, p. 26)

¹¹ ROCHA, P. 2009, p. 60

¹² NOBBLECOURT, 1994. P. 207.

Podemos assim perceber que as divindades egípcias eram dotadas de emoções e instabilidades próprias da humanidade e tanto no que diz respeito às características positivas quanto negativas, deuses e deusas encontravam-se em situação de paridade.

Na sociedade faraônica a mulher dispunha de igualdade jurídica em relação aos homens, podendo ser proprietárias de terras e bens e administrá-los sozinhas. Após a maioridade não precisavam da tutela de seus pais e em caso de viuvez poderiam receber toda a herança do marido e administrá-la ou, tendo filhos, receber a mesma proporção que eles. As filhas herdeiras recebiam dos pais a mesma porção que os irmãos do sexo masculino. “A mulher não aparecia sob a autoridade do marido nem do seu filho primogênito. Não sofria nenhuma tutela, sendo sua igual tanto em dignidade quanto em direito.”¹⁴

No caso da figura real, precisamos considerar as particularidades das condições que cercavam as mulheres da realeza. Estas não possuíam o encargo do trabalho braçal, no cultivo e na produção de cerveja, por exemplo, como as mulheres do povo. No entanto, ainda ocupavam importantes funções na família, pois os títulos de “Irmã Real”, “Filha Real”, “Mãe Real” e “Esposa Real” lhes outorgava importância seja como conselheiras do soberano ou como parte atuante nos rituais de cultos diários.

Percebemos a importância dessas mulheres na sucessão da linhagem uma vez que, sendo o faraó o próprio deus encarnado (seja por vezes Hórus ou Amon Rá) logo, sua esposa seria a responsável por trazer à vida os filhos que encarnariam essas divindades, sendo elas também por vezes consideradas como as deusas Ísis, Hathor ou Tefnut. No caso do rei não ser da linhagem direta, a esposa seria visitada pelo deus e dele teria o filho que herdaria o trono. Então, em caso de interferência na linhagem sanguínea, a sucessão seria garantida de forma ritual. Sua função, além de garantir que o rei fosse a legítima representação do deus na terra, é de também manter o equilíbrio e a vida no Egito.¹⁵

A REFORMA RELIGIOSA DE AMARNA

Até hoje o Egito Antigo figura como uma das civilizações politeístas mais conhecidas da antiguidade. Possui vários mitos de fundação e deuses que representam vários aspectos da natureza e das funções fundamentais para a perpetuação da vida e do

¹⁴ NOBBLECOURT, C. D. 1994, p 211.

¹⁵ NOBBLECOURT, C. D. 1994, p 56.

equilíbrio social e cósmico. O aspecto religioso influenciou profundamente a sociedade e as relações entre as pessoas das diferentes camadas, bem como a relação que eles tinham com o mundo natural, principalmente as terras férteis e o rio Nilo, principal responsável pela vida. Contando com um grupo extenso de divindades, havia aquelas mais populares, adoradas em todo o império, as divindades estatais, eleitas como principais, das quais os soberanos eram os legítimos representantes, mas também haviam as divindades locais ou domésticas, cultuadas com maior ênfase em certas cidades.¹⁶

Um exemplo de divindade popular em todo território era Osíris. Era comum transmitir aos egípcios a crença de que ele era um dos primeiros deuses e o primeiro faraó, casado com sua irmã Ísis, e juntos governaram o Egito. Porém, sofreu com a inveja de seu irmão Seth, que armou para ele uma armadilha e o matou. Ísis inicia assim uma busca pelo corpo de seu marido morto e após encontrar consegue através da magia engravidar dele, trazendo ao mundo o deus Hórus. Para garantir a sucessão de seu filho ao trono do Egito, recorre ao uso de mais magia e juntos, além de contar com ajuda de outros deuses, conseguem vencer Seth e Hórus ocupa o lugar de seu pai como soberano do Egito. Porém, não encerra a importância de Osíris, que torna-se o soberano do além-túmulo, por quem todos deverão passar para ver se estão dignos de receber o descanso eterno.¹⁷

Com esta célebre lenda, percebemos que ao faraó era muitas vezes atribuído o título de Hórus, como o legítimo herdeiro do trono. Já a Osíris, ficava associado o ritual de mumificação e a preparação do corpo do indivíduo para a eternidade. Uma vez popularizada a ideia de que todos os homens e mulheres poderiam viver eternamente caso tivessem vivido de acordo os princípios de equilíbrio e recebessem a preparação física necessária após a morte, Osíris se torna primordial a ser cultuado, pois era ele quem julgava todos.¹⁸

Durante um longo período e na época do reinado de Amenhotep III, Amon Ra era a divindade principal do estado, logo o faraó era uma encarnação deste e não de Hórus. Amon ascende a esse posto na XII dinastia, com culto na cidade de Tebas. Na XVIII dinastia, combinado a Ra, era o “Rei dos deuses” e a principal divindade do Egito. A ele são dedicados vários templos, sendo o principal deles o templo de Karnac.¹⁹

¹⁶ JOHNSON, P. 2001, p. 2007.

¹⁷ DAVID, R. 2011, p. 211.

¹⁸ TRAUNECKER, 1995, p. 77.

¹⁹ DAVID, R. 2011. P. 524.

Por esse motivo, o clero sacerdotal de Amon Ra ganha importante destaque. “Os templos não eram somente centros de poder religioso, também exerciam uma considerável influência econômica, educacional e social sobre o país.”²⁰ Os templos contavam com rebanhos e jardins de cultivo, muitos camponeses trabalhavam nesses locais e o que era produzido servia de alimento para quem lá trabalhava, para outros funcionários do governo e também para os banquetes e oferendas dedicados aos deuses. Logo, um grande número de pessoas era empregado nos templos para realizar as tarefas tanto seculares quanto sacerdotais. Assim eles tinham certa autonomia, embora o templo de Amon em Karnac “era tratado como um departamento da administração real, pelo qual o rei era diretamente responsável, e a organização e supervisão regulares do templo e de sua equipe eram realizados pelos funcionários mais graduados do governo.”²¹

Em relação a este templo, contava no período do Reino Novo com milhares de funcionários. O clero de Amon tornou-se muito poderoso pois, já vindo de famílias nobres, os sacerdotes eram funcionários de confiança e possuíam vários bens. Os principais deles eram chamados de Primeiro, Segundo, Terceiro e Quarto Profeta de Amon, respectivamente. Separados por grupos, exerciam diversas funções, desde a preparação e a execução dos cultos diários, até mesmo o ritual para o sepultamento.²²

Durante o reinado de Amenhotep III o sumo sacerdote possuía diversos títulos como “Chefe dos mistérios de Karnac, soberano da terra inteira”²³ e “admitido a entrar no céu”, demonstrando assim que seu poder já ultrapassava a esfera religiosa e chegava a influenciar no campo político, uma vez que “o sumo sacerdote de Amon é de novo uma espécie de primeiro ministro, que, em certos casos, toma decisões que caberiam ao próprio chefe.”²⁴ Por conseguinte, o rei já não via com bons olhos tamanha influência. Embora não tenha abertamente se mostrado contrário às formas de conduzir os assuntos do templo adotadas pelo clero de Amon, estudiosos afirmam que Amenhotep III, em busca de descentralizar a importância dessa divindade, teria se afastado “progressivamente da capital tebana, tanto politicamente quanto sob o aspecto religioso. É ele quem favorece o clero de Heliópolis em detrimento do clero de Tebas, insistindo na

²⁰ DAVID, R. 2011. P. 263.

²¹ DAVID, R. 2011. P. 264.

²² DAVID, R. 2011. P. 269.

²³ JACQ, C. 1978. p. 42.

²⁴ JACQ, C. 1978. p.42.

importância do deus Ré e procurando minimizar a de Amon”, dado assim base para a reforma que se seguiria com seu filho, Amenhotep IV²⁵.

Não se sabe com precisão se a sucessão no trono se deu com a morte de Amenhotep III ou se houve um período de corregência entre pai e filho, curto ou prolongado, até que Amenhotep IV fosse coroado. Também se fala sobre a influência da rainha Tyie, mãe do jovem faraó, que pode ter sido, após a morte do marido, de grande importância como conselheira do filho.

No quarto ano do reinado, Amenhotep IV substituiu a adoração de Amon pela de Aton. Essa divindade era representada pelo disco solar. O culto a esse deus era antigo, embora sem muita expressão, até que sob o rei anterior ganhou mais notoriedade. Foi só com Amenhotep IV que o Egito viu uma tentativa sem precedentes de eleger um único deus a ser adorado, desprezando todos os outros cultos. Mas na verdade, ele também promoveu a si mesmo como divino, a ser adorado, logo “O deus e o rei eram agora considerados dois aspectos iguais e, tanto em conceito como em títulos, eles se tornaram virtualmente intercambiáveis. O rei tornou-se um deus, em vez do “filho do deus”, e agia como o único representante de Aton na terra.”²⁶



Figura 2 Relevo de Amenophis IV/Akhenaton com a família real sob os raios de Aton; arenária pintada

²⁵ JACQ, C. 1978, p. 42.

²⁶ DAVID, R. 2011, p. 287.

Tal transição pode ter ocorrido para assegurar a autoridade do rei, em detrimento da autoridade dos deuses e seus sacerdotes. Aton era uma força benéfica que emanava do sol e trazia vida ao Egito. Comumente nesse período foi representado como o disco solar do qual desciam raios com uma mão na extremidade e aproximando-se da família real com o símbolo da vida, o *ankh*, como gratidão pela devoção, como vemos no relevo da figura

2..

Como parte das mudanças, e tendo em vista que os nomes e títulos tinham uma importância real nas funções fundamentais no Egito, Amenhotep IV troca o seu nome para algo que tenha relação com as novas configurações do seu governo. Amenhotep que significa “Amon está satisfeito” passa a ser chamado de Akhenaton, ou “servo de Aton”. Sua esposa principal, Nefertiti, também recebe um novo nome: Neferneferuaton, que significa “bela é a deusa de Aton”.²⁷

O próximo passo foi mudar a capital de Tebas para outro local, preparado especialmente com esse objetivo, cujo nome era Akhetaton, ou “horizonte de Aton”, hoje conhecida como Tell el-Amarna, A cidade contava com templos a Aton, palácios, jardins, um lago, terra destinada ao cultivo, a aldeia e os locais para sepultamento. Se estendia pelas duas margens do Nilo numa extensão de 13 km e possuía limites estabelecidos para que não se expandisse além deles, como parte de uma ordem divina que não deveria ser questionada²⁸. Após a morte de Akhenaton e a volta do seu sucessor para Tebas, Akhetaton foi abandonada e não povoada novamente.

Uma vez que a divindade cultuada era o próprio sol, a arquitetura dos templos precisava ser diferente. Até então os santuários eram fechados e davam acesso restrito à estátua do deus, agora era visto um novo formato, um templo sem teto onde os raios solares de Aton pudessem estar presentes e receber as oferendas feitas ao deus

pelo rei e pelos membros da família real. Esses presentes eram colocados em fileiras de pequenos altares erigidos dentro dos pátios do templo. Os detalhes completos do ritual utilizado nos templos não são conhecidos, mas os ritos devem ter enfatizado a identificação única com o deus. (DAVID, 2011)

As mudanças impostas pelo faraó não parecem ter sofrido contestações expressivas no período, embora a destruição de muitos monumentos do período e a tentativa de apagar seu nome e de suas rainhas das inscrições demonstrem que,

²⁷ DAVID, R. 2011. p. 288.

²⁸ DAVID, R. 2011. p. 290.

posteriormente, pode ter se dado um indício de que não se preservaria a “heresia” cometida por Akhenaton. Tendo seus sucessores legado a ele um período próspero como nunca antes na história do império, não teve grandes conquistas territoriais nem dispôs de um exército forte como antes se viu. As representações do rei que sobreviveram mostram o soberano como um guerreiro, embora tenha sido muito mais pacifista e buscado a diplomacia do que os combates.²⁹

O período foi marcado, como já citamos, por uma forma particular de arte, onde podemos ver a família real em cenas mais íntimas e cotidianas do que se era comum expressar nos reinados anteriores. Com Nefertiti, Akhenaton teve seis filhas, as quais podemos ver em cenas com seus pais, seja em momentos de relacionamento familiar, como observamos na figura 2, seja na demonstração de culto ao deus Aton, como vemos na figura 3.

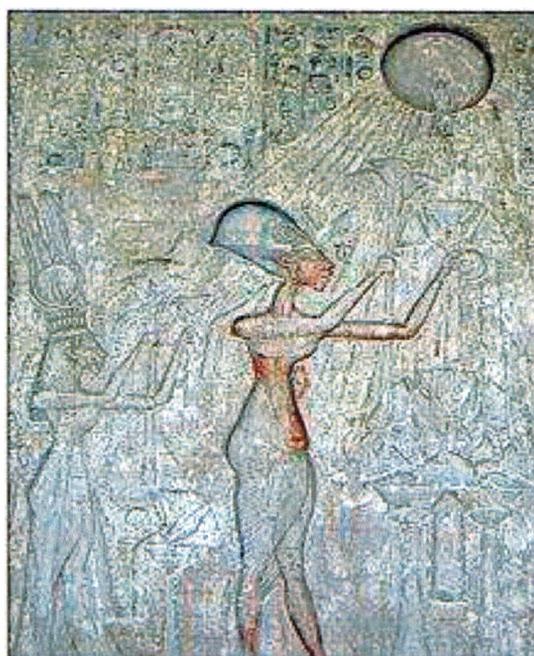


Figura 3 Relevo de Amenophis IV/Akhenaton e Nefertiti que fazem oferendas à Aton; calcário pintado

A medida que o culto de Aton é estabelecido em substituição a todos os outros realizados até então, faz-se necessário que o deus absorva as funções dos outros deuses para explicar os acontecimentos e manter a ordem. Logo, Aton é considerado o criador da terra egípcia e das regiões vizinhas, bem como de toda humanidade. Além de criar, ele

²⁹ DAVID, R. 2011. p 297.

fornecia energia e luz a fim de manter a vida.³⁰ Ainda assim, não podemos considerar que a religião passou a ser monoteísta, mas “pode-se considerar que ela não foi muito além da monolatria (a adoração de um deus com o reconhecimento da existência de outros).³¹

Único intermediador entre a divindade e a humanidade, agora o faraó era um deus. Desse modo ele também deveria ser adorado como tal. A figura do rei recebeu muita ênfase pois era o único meio de acessar o poder divino. Além disso, outras crenças e práticas sofreram modificações nesse momento, pois “o atomismo negou a própria existência das trevas e do mal. (...) Voltou-se somente para a vida, a ordem e o bem.”³² Mas com tais substituições, o povo ainda buscava conforto nos deuses tradicionais, mantendo de forma particular a adoração a eles. Desse modo, (DAVID, 2011) defende que o culto à Aton não poderia sobreviver por muito tempo, uma vez que retirava de cena o mal e a morte, não teria como oferecer nem consolo nem motivação aos egípcios pois negava as principais questões e incertezas do povo.

Também não há muitos fatores conclusivos sobre como teria morrido Akhenaton. Sabe-se porém que ele, não tendo filhos do sexo masculino, provavelmente casou-se também com sua filha mais velha Merit-Aton que pode ter falecido antes dele. Especulou-se se teria sido sucedido por Nefertiti como regente, que poderia ter assumido um papel de mulher-faraó, ou mesmo se sua vida teria se prolongado além da de sua rainha. Sabe-se que, entre seus sucessores está Tutankaton, que não se acredita ser da linhagem direta do rei, mas que teria posteriormente voltado para Tebas, re-estabelecido o culto a Amon Ra, e mudado de nome para Tutankamon.³³

³⁰ DAVID, R. 2011. p.298.

³¹ BRANCAGLION Jr, A. 2001, p.30

³² DAVID, R. 2011, p.323.

³³ DAVID, R. 2011, p. 317.

CAPÍTULO 2: NEFERTITI SOB O OLHAR DE CHRISTIAN JACQ

CHRISTIAN JACQ E OS ESTUDOS SOBRE O EGITO

O Egito antigo despertou o fascínio e a curiosidade dos povos ocidentais desde a expedição feita por Napoleão Bonaparte em 1798. Desta empreitada, cujo cunho militar era o objetivo principal, embora não o único, estudiosos que acompanharam os exércitos franceses entre 1798 e 1801 produziram 21 volumes intitulados *Description de l'Égypte, Recueil des observations et des recherches qui ont été faites en Égypte pendant l'expédition de l'armée française*, publicados na França entre 1809 e 1829. Tais volumes continham descrições sobre a fauna, a flora e os monumentos encontrados, narrando aspectos do Egito antigo e do Egito moderno.³⁴ Contudo, é no início do século XX que se encontram as mais expressivas pesquisas nessa área. Expedições foram dedicadas a descobrir mais a respeito dessa terra misteriosa, monumentos e artefatos foram encontrados, entre eles a pedra de Roseta, cuja posterior interpretação das inscrições nela gravadas foi feita por Jean-François Champollion, permitindo a tradução da até então indecifrável escrita hieroglífica.

A medida que o Egito era explorado e novos indícios, encontrados, criou-se uma visão fascinante sobre aquela terra, seus personagens, sua escrita, suas crenças e suas construções. Surge assim a egiptologia, uma ciência dedicada a estudar o Egito sob seus diversos aspectos. E, embora o Egito já tenha despertado o interesse de outros povos a fim de estudá-lo, mesmo na antiguidade ou durante a idade média, as pesquisas sobre o Egito alcançaram uma expressividade sem precedentes.³⁵

Houve também aqueles que quiseram um pouco do Egito para si, com isso os sítios eram saqueados, tinham artefatos roubados e vendidos em mercados ilegais para coleções particulares, ou apenas para aqueles que quisessem apenas uma peça decorativa. Esse exotismo provocado pelo Egito tornou atraente as figuras de seus deuses, deusas, reis e rainhas e logo estes se tornariam os personagens de contos, peças, músicas, obras literárias e posteriormente cinematográficas que foram produzidas a respeito do Egito, que iam além do que tratavam os estudiosos, acrescentando traços da imaginação dos próprios autores para atender ao público ávido pelas histórias desta rica civilização.

³⁴ SAUNERON, S. 1970 p. 13.

³⁵ SAUNERON, S. 1970. P. 9.

Como uma destas personagens, Nefertiti inspirou diversos livros científicos e de ficção e até mesmo um filme, lançado em 1967. Geralmente sua figura está associada a seu marido e ao papel que teria desempenhado na reforma religiosa de Amarna, sendo uma de suas características mais marcantes a sua beleza, levantando as hipóteses de como utilizando-se disso teria cativado o próprio faraó e protagonizado com ele uma história de amor que superou o casamento feito por convenção, comum em seu contexto.

Dentre esses autores, encontramos o francês Christian Jacq. Nascido em Paris, em 1947, interessou-se pelo Egito ainda muito jovem, com apenas 13 anos, ao ler o livro *L'Histoire de la civilisation de l'Égypte ancienne*, do historiador belga Jacques Pirenne. Aos 17 anos, visitou o Egito pela primeira vez, por ocasião de sua lua de mel, aumentando seu fascínio pela história egípcia. Já nesse período, havia escrito seus primeiros livros de ficção – com temas variados – e, após essa viagem, escreve um ensaio sobre as relações entre Egito Antigo e Idade Média.

Além de grande admirador do Egito, Jacq vinculou sua paixão à sua vida acadêmica. Estudou arqueologia e egiptologia, concluindo seu doutorado na universidade de Sorbonne, com a tese *Le Voyage dans l'autre monde selon l'Égypte ancienne*, posteriormente publicada em formato de livro, em 1986. Ele também estudou latim, grego, filosofia e história da arte. Com esta formação, Jacq escreveu dezenas de romances históricos e ensaios.

Christian Jacq, egiptólogo por formação, romancista por vocação, traduziu de forma poética as informações dispostas em sua época a respeito de uma das mais famosas rainhas do Egito. O autor viveu em um período e em um ambiente onde as pesquisas a respeito do Egito estavam a pleno vapor. A França foi o palco para o surgimento da egiptologia enquanto ciência moderna, onde muitos estudiosos encontraram os recursos necessários para desenvolver as mais diversas pesquisas sobre o tema.

A maior parte de seus livros são romances históricos. Utilizando como plano de fundo o Egito Antigo, a partir de personagens que existiram no período, Jacq mistura aspectos da sociedade egípcia antiga com a linguagem ficcional. Essa é a base para a escrita do seu volume mais conhecido *Ramsés*, publicado em cinco volumes, entre 1995 e 1996, sobre o faraó Ramsés II, da XVIII dinastia. Com esta série, Christian Jacq já escreveu um total de 53 romances, além de romances policiais, ensaios, livros esotéricos

e obras especialmente adaptadas para o público infanto-juvenil, inclusive alguns quadrinhos.

Dentre os ensaios estão as produções de cunho mais científico do autor. Tratam de temas variados como aspectos sociais e religiosos, monumentos, artefatos e personalidades do Egito Antigo. Entre eles estão *Initiation à l'égyptologie*, de 1994, e *Les égyptiennes: portraits de femmes de l'Égypte pharaonique*, de 1996, que tratam de noções de estudos da egiptologia e de algumas mulheres notáveis no Egito antigo, respectivamente.

OS LUGARES DE NEFERTITI NA OBRA DE CHRISTIAN JACQ

Néfertiti et Akhéaton, le couple solaire, foi originalmente publicado em Paris pela editora Perrin, em 1976. A obra chega ao Brasil em 1978, traduzida por Atilia Cancian, e publicada pela editora Hemus, de São Paulo, com o título Akhenaton e Nefertiti, o casal solar. Esta é a obra que embasa nossa pesquisa. Como o egiptólogo e romancista francês representa a rainha Nefertiti nesta obra? Em 2013, o autor publicou *Néfertiti, l'ombre du soleil*, pela editora XO éditions, de Paris. Mas esta última, diferente do nosso objeto de estudo, é uma história de ficção. No ensaio de 1976, Jacq visa retratar os aspectos históricos de forma mais verossímeis possível com o contexto do casal de Amarna, e veremos então qual o lugar ocupado por ela na obra.

O livro está dividido em cinco partes, com quatro capítulos cada, exceto a primeira parte que possui apenas dois capítulos, e a quarta parte, com três capítulos. O autor traça um panorama da vida de Akhenaton, desde antes de sua ascensão ao trono, passando por todo seu reinado, as mudanças ocorridas no período, sua morte e o retorno do culto aos deuses tradicionais e conclui com as influências que Akhenaton teria na cultura cristã, através da figura de Moisés.

No prólogo “Na pesquisa do sol de verdade”, Jacq traz brevemente o que servirá de discussão para o livro, abordando os primeiros apontamentos sobre a figura do rei e da rainha Nefertiti. O capítulo inicial é mais um breve compilado de como os historiadores e arqueólogos trataram do casal amarniano. Os demais capítulos tratam de forma mais direta da história e a segunda parte do livro dedica cada um de seus capítulos aos – segundo o autor – personagens principais na reforma religiosa de Amarna: Amenhotep III (na obra utilizando o título de Amenófis III), Akhenaton, a rainha Tyie (no livro Tii)

e Nefertiti. Já o epílogo, intitulado “Akhenaton eterno”, fugindo da linha geral do livro, tem uma linguagem mais ficcional, retratando de forma mais poética a vida do faraó e as motivações dele, bem como de sua família, para as reformas ocorridas no império, e as tentativas de manter o Egito uma terra pacífica sob a inspiração do deus Aton.

Apesar do nome no título da obra, Nefertiti recebe destaque apenas no quarto capítulo da segunda parte, intitulado “A esposa do sol: a rainha Nefertiti”. Na dedicatória do livro o autor expressa sua esperança de “que as páginas que seguem não trairão o espírito e a simbólica do antigo Egito, a terra amada dos deuses.”³⁶ Percebemos assim a preocupação dele que, neste livro em particular, os aspectos históricos sobressaíam os ficcionais.

Nos primeiros parágrafos do capítulo dedicado à Nefertiti, traz à tona o que poderia ser sua característica mais marcante: sua beleza física. Ao descrever o busto da rainha, encontrado em Tel el-Amarna, o descreve como um “rosto admirável, cuja delicadeza de alia à serenidade.”³⁷ Nessa descrição ainda, expressa como tal artefato poderia expressar para o mundo todo o esplendor dessa civilização, bem como a paixão por Akhenaton e suas obras.

Após tratar sobre a descoberta do busto e suas características particulares, Jacq refere-se a ela como a “rainha universalmente mais célebre” mas sobre a qual não dispomos de muitas informações, sendo assim uma “rainha misteriosa”. Este enigma acaba suscitando maior curiosidade a respeito das teorias que permeiam a história de Nefertiti. Também são levantadas as questões acerca da origem familiar dela e a hipótese de ser uma princesa estrangeira, mas logo retorna aos indicativos de que ela era legitimamente egípcia.

Não se desvincula por muito tempo a figura de Nefertiti da de seu esposo. Jacq aponta que a relação dos dois foi além de uma união convencional arranjada, mas um romance vivido abertamente. “Decerto, Akhenaton e Nefertiti aprenderam a amar-se e a paixão que nasceu entre os dois foi uma das mais lindas e das mais puras que conhecemos”³⁸ Sua justificativa para tal assertiva está na arte amarniana que, diferente

³⁶ JACQ, C. 1978, p.7

³⁷ JACQ, C. 1978. P; 65

³⁸ JACQ, C. 1978, p, 66

do que ocorria em períodos anteriores, dedicou-se a retratar cenas cotidianas, da intimidade da família real, onde percebe-se a expressão de sentimentos entre os membros.

A figura 4, juntamente com outras 7 ilustrações, encontram-se no livro. Abaixo desta, o autor exprime que esta peça em calcário, que encontra-se no Museu do Louvre “é um dos mais encantadores do período amarniano” pois, segundo ele, “exprime maravilhosamente a ternura que unia o rei e a rainha”³⁹ Não há maiores explicações sobre como esta peça seria prova tão evidente da demonstração de carinho entre os soberanos, mas podemos concluir que, ao ser representados de mãos dadas, os súditos observariam um contato físico que até então não era retratado nas esculturas e pinturas reais.



Figura 4 Akhenaton e Nefertit, Musée du Louvre, Paris

A figura 5 também se encontra no livro. Dessa vez, o baixo relevo representa não apenas o rei e a rainha, mas também inclui suas filhas, apenas três delas, em mais uma cena de intimidade familiar. Enquanto duas delas parecem brincar sobre o colo da mãe, a terceira filha, apontada pelo autor como a mais velha, volta-se para seu pai, que lhe oferece brincos. A família encontra-se sob os raios solares de Aton. Assemelha-se à cena retratada na figura 2 onde, também debaixo da manifestação do deus, a família parece

³⁹ JACQ, C. 1978, p. 107

discontraída, brincando com suas filhas, e uma delas parece estar sendo beijada pelo faraó.

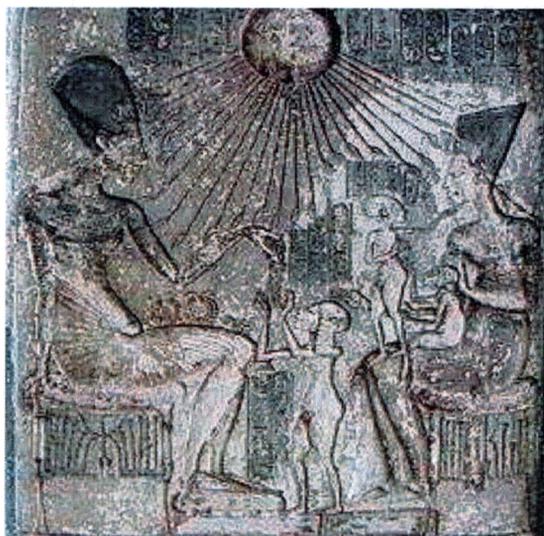


Figura 5 Estela de Akhenaton e sua família, Egyptian Museum, Cairo

Christian Jacq também refere-se a Nefertiti como figura de grande relevância nas mudanças religiosas ocorridas no Egito. Para ele, a rainha dividia com seu esposo este ideal. Desse modo, além dos seus papéis de esposa e mãe

(...) ela não se limitava a um papel de mulher passiva e submissa. Tudo leva a pensar que, até o ano 15 do reinado de Ahenaton, Nefertiti foi uma das cabeças pensantes da civilização amarniana, quando não a principal, e que ela enalteceu sem restrição o culto a Aton.⁴⁰

Para embasar tal afirmativa, Jacq justifica-se a devoção de Nefertiti na sua participação no culto solar diário. Exerceu a função de grã-sacerdotisa e comandou um clero feminino com responsabilidades específicas nos festejos ao deus. Porém não era nenhuma novidade a participação das mulheres nos rituais de adoração, principalmente no que diz respeito às mulheres da família real.

Nefertiti foi essa rainha que, sob sua doçura e fascínio, ocultava uma vontade de impiedoso rigor, vivendo a espiritualidade nova com tanto ardor como seu marido, ela se engajou com a mesma energia que ele até o menor de seus atos; grã-sacerdotisa do culto de Aton, encontra-se quase que sempre ao lado de Akhenaton, nas ocasiões em que o rei exerce a sua função sacerdotal.⁴¹

Ao mesmo tempo que enaltece os traços que exprimem a delicadeza que acredita ser característica de Nefertiti, Jacq reconhece uma força que lhe deve ter sido necessária para

⁴⁰ JACQ, C. 1978, p 70

⁴¹ JACQ, C. 1978, p 71

assumir ao lado do rei todas as tarefas que lhe eram requeridas para manter o equilíbrio do reino de acordo com a nova crença. Para isso, descreve outros artefatos onde Nefertiti teria sido retratada, mas desta vez tais figuras não se encontram reproduzidas na obra. No artefato em questão, um bloco de pedra que se encontra no Fine Arts Museum em Boston, a rainha estaria com sua tradicional coroa alongada, subjugando um inimigo. Este tipo de cena era comum no caso dos reis, demonstrando seu aspecto guerreiro, mas não visto em relação às rainhas. Logo, Jacq afirma que Nefertiti estaria representada como um faraó masculino, de modo que podemos inferir que “Não se contentando com aprovar as medidas do seu marido, ela toma iniciativas pessoais e comporta-se como uma autêntica soberana que às vezes não teme usurpar as prerrogativas fundamentais do faraó”.⁴²

Os momentos finais do capítulo são dedicados à hipóteses referentes aos anos finais de Nefertiti. Nota-se um silenciamento em relação à morte dela, que pode ter ocorrido antes ou depois do próprio rei. É certo que ela passa a morar em outro palácio e a partir daí as informações se tornam menos conclusivas mas o autor aponta três caminhos que podem explicar o que aconteceu com Nefertiti nos anos finais do culto solar.

Na primeira hipótese, o autor presume que Nefertiti teria se separado voluntariamente do rei e abandonado seus ideais primordiais em prol do destino do país. Percebendo a iminente decadência provocada pela nova religião, afasta-se para cuidar da educação do sucessor ao trono, Tut-ankh-Aton, o qual teria apresentado aos sacerdotes de Amon em Tebas, afim de que o aceitassem como legítimo sucessor. Não se explica aí qual seria o relacionamento entre ela e o herdeiro, uma vez que o casal solar teve seis filhas, mas nenhum filho. Sendo este um caminho plausível, para Jacq

Nefertiti traiu Akhenaton com a mais fria determinação. Vários anos de felicidade desabaram num só golpe e o casal que parecia inseparável rompeu brutalmente sua união. Com sua lucidez, Nefertiti salvou o Egito, mas condenou à morte o homem que ela amava, arruinando com isso completamente seu sonho mais querido.⁴³

Na segunda hipótese os papéis se invertem. Ao invés de Nefertiti ter decidido voltar atrás no projeto empreendido menos de vinte anos antes, é Akhenaton quem teria procurado os sacerdotes de Amon, numa tentativa de remediar o fracasso de sua revolução. Semenkhakare, co-regente do rei, teria sido uma espécie de mensageiro entre o soberano e o clero tebano, para saber providenciar as medidas necessárias de retorno aos costumes

⁴² JACQ, C. 1978, p. 72

⁴³ JACQ, C. 1978, p. 73

anteriores. Isso teria desagradado profundamente a rainha, que não abriria mão de seus princípios e também parecia enciumada com a posição de Semenkhkare. Mas como sua morte é posterior à de seu marido, ela teria continuado firme, cultivando no herdeiro Tut-ankh-Aton os mesmos ideais, mas com a morte dela o culto a Aton teria chegado ao fim.

Para o autor, as duas explicações que implicam no abandono ou na traição de um ou de outro se mostram contraditórias com a conduta assumida pelo casal ao longo de sua vida. Não teria sido possível para ele que, após conduzir as mudanças religiosas com tanto empenho e dedicado a ela tantos anos e esforço para que se concluísse e transformasse o império em algo jamais visto, um ou outro desistisse e quisesse retornar ao ponto de partida. Desse modo, chegamos à terceira hipótese.

Admitindo que Nefertiti teria morrido antes do fim do reinado de seu marido, este teria se casado com sua filha mais velha Meryt-Aton. Por isso, muitas das menções artísticas feitas a Nefertiti são reformuladas para representar a nova rainha. Para além de uma tentativa de punição ou de relegar Nefertiti ao esquecimento, este seria um ato simbólico pois

No Egito, a morte não constitui um acontecimento que deve inicialmente traduzir-se por um boletim de óbito devidamente registrado por um funcionário. Ela é uma transformação do ser, uma metamorfose como tantas outras. Assim, quando um personagem importante desaparece, é costume realizar um certo número de ações rituais que prolongam sua personalidade imortal sem, contudo, celebrar sua memória duma maneira direta.⁴⁴

Logo, ao invés de representar um desrespeito à rainha, tais substituições poderiam representar um simbolismo de que a sua figura e influência se perpetuariam na imagem de sua própria filha.

Ao concluir este capítulo, o autor chama atenção para devoção de Nefertiti à sua crença e, embora não dispondo de mais evidências conclusivas, isso poderia ser explicado por “se pouco sabemos a respeito da rainha, talvez seja porque sua comunhão espiritual com Akhenaton foi tão total que se torna impossível dissociar o casal quando se relata a aventura amarniana.”⁴⁵

Findando o capítulo, as menções a Nefertiti no restante da obra são mais pontuais. O protagonismo passa a Akhenaton e esta atua como sua coadjuvante. Em um livro

⁴⁴ JACQ, C. 1978, p. 76

⁴⁵ JACQ, C. 1978, p. 77

publicado vinte anos depois deste, Christian Jacq nos traz mais informações sobre a figura de Nefertiti. *Les égyptiennes: portraits de femmes de l'Égypte pharaonique*, de 1996, traz um conjunto de breves biografias de mulheres egípcias célebres, como Hatchepsut, Cleópatra e a deusa Ísis. O livro foi publicado no Brasil no ano 2000, com tradução de Maria D. Alexandre, pela editora Bertrand Brasil.

No capítulo dedicado a Nefertiti, além das menções a sua beleza, sua origem sem grandes evidências, o autor traz informações adicionais a respeito da rainha, como a menção a ela como uma deusa. Ela seria então a deusa distante, ou Hathor, mas também Maat, assumindo assim como as rainhas anteriores, o encargo de ao desposar o filho do deus na terra, manter o equilíbrio e a ordem. No entanto, ao substituir todos os cultos pelo de Aton, algumas funções rituais antes associadas a deusas como Ísis e Néftis foram substituídas por Nefertiti.⁴⁶

Outra menção feita a Nefertiti é a suposição de que ela teria se tornado uma rainha-faraó. As demonstrações artísticas que colocam o rei e a rainha executando diversas funções ou mesmo retratando o cotidiano, demonstram o equilíbrio entre as duas figuras, como duas partes de mesma importância na adoração a Aton. Onde até então se via apenas o rei representado em certos ritos e cenas de guerra, agora este podia ser visto na companhia de sua esposa, que desempenhava as mesmas funções ou parecia ter ocupações tão importantes quanto. Com isso o autor exprime que

Para alguns egiptólogos, esse conjunto de indícios permite concluir que, tal como Hatchepsut, Nefertiti foi uma rainha faraó. A hipótese tornarse-ia certeza se se conseguisse provar que a rainha sobreviveu a Akhenaton e que mudou de nome para reinar sozinha com o nome de Semenhkaré. Mas a documentação é muito rara e confusa para nos fornecer atualmente uma conclusão definitiva.⁴⁷

Christian Jacq, egiptólogo por formação, romancista por vocação, traduziu de forma poética as informações dispostas em sua época a respeito de uma das mais famosas

⁴⁶ JACQ, 2000 P 114

⁴⁷ JACQ 2000 P 116

rainhas do Egito. Misturando características físicas da rainha com o que se supõe de sua personalidade, Jacq buscou evocar a figura de uma mulher forte e determinada, cujos atributos físicos foram marcantes mas não mais importantes do que seus valores enquanto uma das cabeças pensantes por trás da grande revolução religiosa vivida no Egito durante o Reino Novo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o estudo feito podemos empreender que ainda há muitas peças faltando para nos ajudar a compreender com mais clareza quem foi Nefertiti e qual a sua importância. Mas no que diz respeito aos dados que dispomos até o momento, podemos concluir que a rainha que alimenta o imaginário da modernidade como tendo sido a mais bela que o mundo já conheceu, para além de uma figura de destacada beleza, foi também uma sacerdotisa e defensora das mudanças ocorridas no Egito durante o Reino Novo.

Vivendo sob os raios solares de Aton, teria se beneficiado da posição que assumiu mesmo não tendo origem direta na família real, como era a tradição. Seu casamento com o príncipe Amenhotep IV lhe conferiu mais do que o status de soberana das duas terras, mas a elevou à qualidade de deusa. Tal união teria também sido um símbolo do amor verdadeiro, que teria conduzido esse novo Egito por quase quinze anos.

Apesar do breve esplendor do culto solar, muito se fala a respeito desta ruptura na adoração politeísta que tão bem caracteriza o Egito. Akhenaton e Nefertiti, apesar de não ter feito vigorar seu modo de viver e perceber o mundo para muito além de seu próprio tempo, conseguiram vencer os séculos e tornaram sua história eterna. Através da arte tão particular produzida em Amarna, a família real faz-se perpetuar para os antigos e os modernos como diferentes de tudo que se sabia sobre esse povo até então, despertando estranhamento e curiosidade dos espectadores.

Reconhecemos que Christina Jacq, com sua escrita quase poética, descreve os acontecimentos da vida de Nefertiti sempre atribuindo a ela características físicas e intelectuais que podem nos fazer ver nela uma mulher excepcional. Mesclando delicadeza de semblante e firmeza de atitude, Nefertiti exerce o poder no reino, ora de forma direta ora indiretamente, tomando decisões ou aconselhando o rei.

Os poderes da rainha são percebidos na escrita do autor e nas obras de arte citadas por ele. Seja de forma simbólica, ao usar uma coroa alta e azul, característica dela e que não se tem informações sobre ter sido usada por outra rainha antes ou depois dela, seja na cena que luta contra um inimigo, ou mesmo nas representações mais cotidianas, onde aparece fazendo oferendas ao deus, ao lado de seu marido, em pé de igualdade com este, Nefertiti é apresentada como uma rainha cuja influência teria sido fundamental para iniciar e manter os ideais da religião de Aton.

Nefertiti exerceu as funções de esposa, mãe, rainha, sacerdotisa e, supõe-se que até mesmo de faraó, sendo reconhecida por Jacq como tendo realizado cada um destes papéis com maestria. O autor a enaltece como se, para além das evidências históricas, também procurasse transparecer suas inclinações pessoais, uma admiração e talvez até devoção à ela que possuía tão nobres atributos.

Embora com tais inclinações e nomeando o livro com o nome da soberana, percebemos que na maior parte da escrita, Nefertiti é relegada ao segundo plano. Para além de ser a estrategista que está em equilíbrio com seu consorte, nos parece mesmo que a ela cabem os poderes elaborados nos bastidores, as influências cotidianas para que Akhenaton a representasse em público. No mais, nos resta a percepção de que a rainha solar, à medida que mais indícios sobre sua vida forem encontrados, se mostrará mais detalhes que podem corroborar com a visão de que ela teria protagonizado a idealização da reforma amarniana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANCAGLION Jr, Antonio. *Tempo, matéria e permanência: O Egito na Coleção Eva Klabin Rapaport*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, Fundação Eva Klabin Rapaport, 2001.

CABANES, Pierre. *Introdução à história da antiguidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. *O Egito Antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel/Rio de Janeiro: Bertrand. 1989 - 1994.

DAVID, Rosalie. *Religião e magia no Antigo Egito*. São Paulo: Difel, 2011.

JACQ, Christian. *Akhenaton e Nefertiti, o casal solar*. São Paulo: Hemus, 1978.

JACQ, Christian. *As egípcias - retratos de mulheres do Egito faraônico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

JOHNSON, Paul. *História Ilustrada do Egito Antigo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

NOBLECOURT. Christiane Desroches. *A mulher no tempo dos faraós*. Papyrus, 1994.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SAUNERON, Serge. *A egiptologia*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

SCHWARZ. Fernando. *O Egito Invisível e o poder dos símbolos: a verdadeira essência da tradição sagrada mais fascinante da história*. São Paulo: Pensamento, 2009.

TRAUNECKER, Claude. *Os deuses do Egito*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995.

VERCOUTER, Jean. *O Egito Antigo*. São Paulo: Difel, 1986.